



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|--|---|--|
| ☐ Ambiente e Sustentabilidade | ☐ Crítica, Documentação e Reflexão | ☐ Espaço Público e Cidadania |
| ☐ Habitação e Direito à Cidade | ☐ Infraestrutura e Mobilidade | ☐ Novos processos e novas tecnologias |
| ☒ Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Cartão postal às avessas: Hotel Reis Magos, o retrato do abandono. Análise da percepção ambiental do Hotel Internacional dos Reis Magos pela população de Natal/RN a partir de depoimentos nas redes sociais

Topsy-turvy postcard: Reis Magos Hotel, the portrait of abandonment. Environmental perception analysis by Natal/RN population from social networks testimonials

Postal al revés: Hotel Reis Magos, el retrato del abandono. Análisis de la percepción del medio ambiente por la población de Natal/RN a partir de testimonios en las redes
Topsy-turvy postcard: Reis Magos Hotel, the portrait of abandonment

OLIVEIRA, Emanuelle Albuquerque de (1);

LIBERALINO, Cintia Camila (2)

(1) Arquiteta e Urbanista, Mestranda, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, PPGAU, Natal, RN, Brasil;
email: manu.albuquerque@gmail.com

(2) Arquiteta e Urbanista, Mestre em Psicologia, Doutoranda, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, PPGAU, Natal, RN, Brasil; email: 8cintiacamila8@gmail.com

Cartão postal às avessas: Hotel Reis Magos, o retrato do abandono. Análise da percepção ambiental do Hotel Internacional dos Reis Magos pela população de Natal/RN a partir de depoimentos nas redes sociais

Topsy-turvy postcard: Reis Magos Hotel, the portrait of abandonment. Environmental perception analysis by Natal/RN population from social networks testimonials

Postal al revés: Hotel Reis Magos, el retrato del abandono. Análisis de la percepción del medio ambiente por la población de Natal / RN a partir de testimonios en las redes sociales

RESUMO

O Hotel Internacional dos Reis Magos (HIRM) é um ícone da arquitetura moderna e foi o primeiro hotel internacional de grande porte de Natal/RN. Hoje, a situação do edifício é de acentuada degradação, sob ameaça de demolição para dar lugar a mais um empreendimento comercial na cidade, sem considerar a possibilidade de reuso. Este quadro gerou um pedido de tombamento e uma grande discussão, principalmente nas redes sociais, entre aqueles favoráveis à sua demolição e os que defendem a preservação dos principais traços de sua arquitetura. Nesse contexto, o artigo se propõe a compreender a percepção da população em relação ao edifício, tomando por base os discursos ali registrados. Identificamos que a imagem do edifício é sinônimo de decadência, violência e negligência. É explícito o desejo de mudança e a urgência em sanar o problema por ambas as partes do discurso. Verifica-se que a arquitetura moderna não é reconhecida como patrimônio arquitetônico e também há um grande desconhecimento da história do HIRM, tanto do ponto de vista do urbanismo, como do turismo. Os que vivenciam/vivenciaram o hotel mais de perto tendem a uma maior valorização do edifício.

PALAVRAS-CHAVE: Hotel Reis Magos, percepção ambiental, arquitetura moderna, patrimônio

ABSTRACT

The Reis Magos International Hotel (HIRM) is a modern architecture icon and was the first great international hotel in Natal/RN. Today, the building situation is marked by high degradation, threatened of demolition to give rise to another commercial enterprise in the city, without considering the possibility of reuse. This framework generated a request for guard and a great discussion, especially in social networks, among those in favour of its demolition and those who advocate the preservation of the main features of its architecture. In this context, the paper aims to understand the population perception in relation to the building, based on the speeches recorded there. We found that the image of the building is synonymous of decadence, violence and overlook. It's explicit the desire for change and the urgency to remedy the problem by both parts of speech. It appears that modern architecture is not recognized as architectural heritage and also there is widespread ignorance of the HIRM history, so much from the point of view of urbanism as tourism. Those that experience/experienced the hotel closer tend to a greater appreciation of the building.

KEY-WORDS: Reis Magos International Hotel, environmental perception, modern architecture, heritage

RESUMEN

El Hotel Internacional dos Reis Magos (HIRM) es un icono de la arquitectura moderna y fue el primer gran hotel internacional en Natal/RN. Hoy en día, la edificación encontrase en situación de alta degradación, amenazada de demolición para dar lugar a más una empresa comercial en la ciudad, sin que sea considerada la posibilidad de la reutilización. Esta situación generó una solicitud de guardia y



una gran discusión, sobre todo en las redes sociales, entre los partidarios de su demolición y los que abogan por la preservación de las principales características de su arquitectura. En este contexto, el artículo tiene como meta conocer la percepción de la población en relación con la construcción, a partir de los discursos grabados allí. Identificamos que la imagen del edificio es sinónimo de decadencia, violencia y negligencia. Es explícito el deseo de cambio y la urgencia de solucionar el problema por ambas partes del discurso. Parece que la arquitectura moderna no es reconocida como patrimonio arquitectónico y también hay una gran ignorancia generalizada de la historia del HIRM, tanto desde el punto de vista del urbanismo como del turismo. Aquellos que vivencian/vivenciaron el hotel más cercano tienden a una mayor apreciación del edificio.

PALABRAS-CLAVE: Hotel Internacional dos Reis Magos, percepção ambiental, arquitetura moderna, patrimônio

1 INTRODUÇÃO

O Hotel Internacional dos Reis Magos (HIRM) corresponde a uma das obras construídas em Natal no período em que a arquitetura moderna estava em vigor. Primeiro grande hotel internacional da cidade, imponente e glamoroso, encontra-se hoje degradado, compondo o retrato de uma situação de abandono: cartão postal às avessas.

Há 18 anos desativado, o HIRM vem sofrendo um processo de degradação natural de sua estrutura, devido ao longo período fechado e sem uso. Nesse período, em todas as ocasiões em que foi noticiada a possibilidade de intervenção no edifício, discutiu-se a partir da reutilização da antiga estrutura. Entretanto, em novembro de 2013, nova situação se apresentou quando foi noticiada na imprensa do Rio Grande do Norte, pela primeira vez, a possibilidade de total demolição do edifício existente para a construção de mais um centro comercial na cidade. O novo quadro gerou uma grande discussão, especialmente entre grupos de arquitetos e representações populares, levando à mobilização que visa à preservação do imóvel (DANTAS et al., 2014).

A partir da divulgação do projeto que prevê a demolição da antiga estrutura e das negociações dos proprietários com órgãos municipais, a ONG IAPHACC¹ – com apoio do IAB/RN², do CAU/RN³ e do Departamento de Arquitetura da UFRN⁴ – impetrou uma ação no Ministério Público com o objetivo de impedir a demolição do prédio antes da elaboração de um estudo conclusivo, relativo ao valor histórico, arquitetônico e simbólico, assim como também, relativo à situação estrutural. Paralelamente, pleitearam o tombamento da edificação. Desde então, iniciou-se um grande debate, principalmente por meio das redes sociais, espaço livre e democrático de discussões.

Este trabalho faz uma análise dos discursos da população, relativos à polêmica da demolição ou não do edifício do antigo HIRM revelados por estes depoimentos com o objetivo de compreender a percepção da população, seu nível de conhecimento sobre o edifício e sobre o que ele representa/representou para a cidade, seja do ponto de vista histórico, arquitetônico, urbanístico ou turístico.

¹ Instituto dos Amigos do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural e da Cidadania do Estado do Rio Grande do Norte

² Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento RN

³ Conselho de Arquitetura do RN

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Para isso, o trabalho contextualiza historicamente o seu processo de construção, considerando o momento político, histórico e cultural, que resulta em um edifício ícone da arquitetura moderna no Estado e representante da Escola Pernambucana de Arquitetura.

2 HOTEL REIS MAGOS - DE SÍMBOLO DO DESENVOLVIMENTO À DECADÊNCIA

Idealizado desde a década de 40, o HIRM só veio a ser construído na gestão do governador Aluísio Alves (1961-1966), tendo as obras iniciadas em 1962. A escolha do local – Avenida Café Filho, 822 – tinha como objetivo intensificar o uso daquela área por visitantes e moradores. O Hotel contribuiu, assim, para a quebra da monotonia da Praia do Meio. Conforme Bentes Sobrinha (2001), anteriormente, as praias urbanas de maior movimento eram Areia Preta e a Praia do Meio, até o trecho conhecido como Ponta do Morcego, fato decorrente da facilidade de acesso, uma vez que o bonde descia até a Praça da Jangada, em Areia Preta. Já em direção à Fortaleza dos Reis Magos só havia o caminho aberto por pedestres, que foi consolidado após a construção do hotel. Dessa forma, pode-se dizer que a implantação do HIRM impulsionou o fluxo de pessoas e, com isso, a atividade turística e comercial na orla, até então pouco frequentada, além de favorecer importantes transformações urbanas:

A necessidade de ligação entre o Hotel Reis Magos e a Barreira do Inferno levou à melhoria do acesso à praia de Ponta Negra e o aeroporto de Parnamirim. O prolongamento das ligações entre Natal e o aeroporto repercutiu na implantação da infraestrutura urbana, sobretudo nos bairros de Petrópolis e Tirol, com melhoria das vias e da iluminação pública. Os efeitos da implantação do Hotel Reis Magos sobre a malha urbana de Natal de alguma forma evidenciaram processos de valorização da terra. Essa dinâmica associada à forma como o Estado atuou na gestão do solo urbano definiu formas específicas de apropriação dos bens públicos, principalmente na orla marítima. (BENTES SOBRINHA; VELOSO, 2002).

Em relação à economia, a inauguração do HIRM em 1965, fez com que Natal desse os primeiros passos para se tornar uma cidade de grande importância turística, explorando comercialmente a orla e o uso da praia.

No cenário arquitetônico, Brasília era a referência na forma de projetar e construir. Na década de 60 a arquitetura modernista brasileira já estava consolidada, principalmente no Sudeste do país, com destaque as Escolas Paulista e Carioca. A influência dessas escolas, entretanto, não se restringiu ao eixo Rio - São Paulo. Ao contrário, elas formaram profissionais que difundiram a arquitetura moderna pelo Brasil e somaram a essa arquitetura “acréscimos regionais”, especificidades e nuances que formaram um “sotaque”, uma linguagem própria nas mais diversas regiões (SEABRA DE MELO, 2004). No HIRM, esse sotaque está presente em elementos como os identificados por Dantas et al. (2014):

[...] Os panos de cobogós que marcam a fachada sudoeste do bloco principal também remetem ao que se conformou como uma ampla tradição do modernismo brasileiro, representada por um esforço de adequação da arquitetura às características do clima tropical, na medida em que permitem o arejamento e a proteção contra a elevada incidência de radiação solar. [...] Colabora ainda com essa adaptação ao clima a ventilação cruzada, garantida no interior dos quartos pela presença de bandeiras nas portas para saída do ar que entra pelas aberturas da fachada frontal.

Em Natal, muitos dos edifícios modernistas foram projetados por arquitetos formados no Rio de Janeiro ou em Pernambuco – que teve seu curso de arquitetura implantado na década de 50. Para Dantas et al. (2014), ao adaptar os preceitos modernistas ao clima e à cultura nordestina, o estado de Pernambuco assume uma função importante, ajudando a consolidar o Recife como centro formador de qualidade e inovação, o que influencia positivamente a produção arquitetônica no Rio Grande do Norte. O HIRM representa um ícone desse estilo

arquitetônico para a cidade do Natal, tendo sido projetado pelos arquitetos pernambucanos Valdeci Pinto, Antônio Di Dier e Renato Torres, que difundiam no Rio Grande do Norte os princípios então empregados na Escola Pernambucana de Arquitetura.

O projeto elaborado por esta equipe resultou numa obra de grande porte. O programa original era composto por 63 apartamentos, 01 suíte presidencial, recepção, salões nobres, elevador social, elevador de serviço, parque aquático, playground, restaurante, estacionamento para aproximadamente 50 automóveis, administração, boate Bamboê, salão de beleza, áreas de lazer, salão de jogos, lojinha de artesanato, saunas, serviço médico, desembarque e check-in sob pilotis, que permitiam que os hóspedes ficassem protegidos dos ventos e das chuvas. Essa característica se apresentou como uma inovação arquitetônica na arquitetura local. O projeto de mobiliário e arquitetura de interiores (Figura 1) ficou a cargo das arquitetas pernambucanas Janete Costa Borsoi e Maria de Jesus. No projeto paisagístico, desenvolvido por Gina Pina, foram utilizadas espécies nativas da região, que se adaptam ao clima e exigem manutenção simples. (LIBERALINO, 2005).

Figura 1: Hotel Internacional Reis Magos – Salão Nobre



Fonte: Modernismo, memória, tradição e desenvolvimento (Foto: Jaeci Galvão), 2014.

As características arquitetônicas empregadas no projeto do HIRM o inserem no rol de exemplares da Arquitetura Moderna, com fortes traços da influência da Escola Carioca: seu movimento ondulante (Figura 2) assemelha-se ao da arquitetura do Conjunto Residencial Pedregulho, elaborado na década de 40 pelo arquiteto Afonso Eduardo Reidy, assim como ao do edifício COPAN, de 1952, marco do modernismo em São Paulo e ao edifício sede do Partido Comunista na França, ambos projetados por Niemeyer, sendo o último inaugurado em 1966, um ano após a inauguração do HIRM (DANTAS et al., 2014).

Figura 2: Hotel Internacional Reis Magos – Fachada Principal – Av. Café Filho

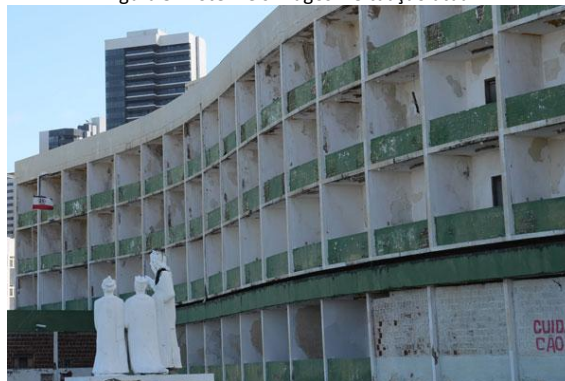


Fonte: Modernismo, memória, tradição e desenvolvimento (Foto: Jaeci Galvão), 2014

Destacam-se ainda no edifício elementos que remetem à desejada “integração das artes” presente na arquitetura moderna: painel artístico em azulejo na entrada principal e a integração da arquitetura com o paisagismo de espécies nativas. Assim, além de se inserir como exemplar representante de uma produção destacada da Arquitetura Moderna Brasileira, o HIRM, caracteriza uma apropriação madura dos seus princípios, com “atributos de inegável qualidade espacial e artística” (DANTAS et al., 2014).

Até o fim da década de 70 o HIRM continuou sendo referência de hospedagem em Natal, porém, após a implantação do parque hoteleiro da Via Costeira, perdeu importância no setor, sendo rebaixado à categoria três estrelas e, com isso, gradativamente, foi se degradando por falta de manutenção adequada (DANTAS et al., 2014). Após a aquisição pelo atual proprietário em 2001, o hotel foi fechado para reformas e não mais reabriu, passando a compor o cenário de abandono presente até o momento atual (Figura 3).

Figura 3: Hotel Reis Magos – Situação atual



Fonte: Tribuna do Norte (Foto: Adriano Abreu), 2014.

3 A PERCEPÇÃO AMBIENTAL DO HOTEL REIS MAGOS

Diante da problemática exposta, a questão central a ser discutida é baseada no modo como as pessoas experienciam e percebem a arquitetura do HIRM e seu entorno, seja no momento atual, como no momento de glamour vivido no passado. Para tanto, torna-se necessário compreender o que se entende por percepção ambiental e qual a sua importância para o estudo em questão.

A percepção ambiental se refere ao modo como as pessoas experienciam os aspectos ambientais presentes em sua volta. Para tanto, são importantes não apenas os aspectos físicos, mas também os aspectos sociais, culturais e históricos (HIGUCHI; KUHNEN, 2011). Além disso, exerce papel fundamental nos processos de apropriação, criando um lugar seu (CAVALCANTE; ELIAS, 2011) e de identificação com o lugar. Ambas capazes de ajudar no cuidado e preservação dos ambientes.

Numa sociedade em constante mudança é importante ter em mente os efeitos das transformações do ambiente tanto sobre a identidade de lugar dos indivíduos, como também sobre a forma como eles percebem seu entorno e o vivenciam (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011). Assim exposto, o conhecimento do significado do HIRM para a população de Natal possibilita um olhar sobre o relacionamento das pessoas com o ambiente e suas mudanças, gerando compreensões sobre as influências das características do edifício sobre o comportamento das pessoas e do comportamento das pessoas sobre o edifício, sendo

indispensável o seu conhecimento antes de alguma tomada de decisão sobre a intervenção no local.

Diante das ameaças de demolição deste ícone da arquitetura moderna, defende-se que qualquer processo de intervenção a ser realizado no edifício deve levar em consideração o ponto de vista do usuário e as interrelações que ele estabelece com seu entorno, compreendidas por meio da percepção ambiental; pois, assim como apontam Cavalcante e Maciel (2008, p. 149), “sem a integração da percepção daquele que utiliza o espaço, as intervenções ambientais estarão fadadas ao fracasso”.

Os estudos desenvolvidos até o presente momento pela UFRN apontam o inegável valor histórico, simbólico e arquitetônico do HIRM para a cidade, mas os discursos presentes nas mídias sociais seguem dois caminhos: um grupo compreende e defende a preservação do edifício, enquanto outro demonstra uma grande dificuldade de assimilar e atribuir estes valores ao edifício. Para que essa questão seja resolvida, é preciso que a população se aproprie e/ou resgate a identidade de lugar, para que assim possa realmente valorizar o patrimônio não apenas modernista, mas cultural da cidade.

Como procedimento metodológico para este artigo, selecionamos alguns discursos presentes nas mídias sociais para avaliação da percepção ambiental do HIRM, que por sua vez, contribuem no direcionamento das tomadas de decisão nos processos de educação patrimonial, tanto em relação ao edifício em questão, como outros, principalmente os de estilo moderno – cada vez mais apagados das paisagens urbanas brasileiras.

4 RESULTADOS

Por uma questão didática, dividimos a avaliação da percepção ambiental do HIRM pela população de Natal em dois grupos que se opõem por seus argumentos: os que condenam e querem a demolição do edifício e os que defendem a preservação da arquitetura moderna do HIRM.

Os principais argumentos dos que querem a demolição estão relacionados: ao custo com obras de reabilitação; à possível e não comprovada condenação de sua estrutura, que, supostamente, não poderia ser recuperada e à urgente necessidade de apagar da paisagem urbana a imagem do abandono e vandalismo, associadas aos crimes e consumo de drogas no local:

“Qual o preço a ser pago para se manter um prédio desse? Todos sabemos que restaurar é bem mais caro do que construir. Além do mais o dinheiro da construção seria da iniciativa privada. [...] O município de Natal não pode se dar ao luxo de gastar uma fortuna dessa, só para satisfazer a alguns saudosistas [...]” (Discurso 1 - Fonte: www.tribunadonorte.com.br)

“Até mesmo o tombamento seria prejudicial a esse prédio que abrigou o Hotel Reis Magos, pois hoje muitos prédios tombados estão abandonados, servindo de cenário de crimes para estupradores e usuários de drogas [...] Esse prédio do antigo hotel tem que ser demolido mesmo, derrubado para se construir algo útil à Praia do Meio, para fortalecer o turismo e gerar emprego e renda.” (Discurso 2 - Fonte: www.tribunadonorte.com.br)

Estas pessoas não revelam em seus discursos o desejo de preservar a arquitetura moderna do edifício. Ao contrário, julgam que as pessoas que querem preservar demoram muito para falar em reabilitação e agora já não é viável que aconteça; que a arquitetura do edifício é feia e

ultrapassada; além de sugerirem que o HIRM é imitação de outros edifícios; portanto, na sua opinião, o hotel não deveria ser preservado e sim demolido para construção de algo útil:

“[...] Corrente modernista? Parece até piada. [...] É um prédio feio e ultrapassado. Os hospitais da cidade estão sucateados, as escolas estão abandonadas e alguns ainda querem gastar dinheiro com aquela aberração? A população de Natal não pode permitir que se jogue dinheiro fora.” (Discurso 3 - Fonte: www.tribunadonorte.com)

“Importância histórica??? O prédio foi inaugurado em 1965, ou seja, vai completar 49 anos.... Faça-me rir...” (Discurso 4 - Fonte: www.facebook.com)

“O Reis Magos e o Machadão, ondulantes, assim como a cobertura da Arena, são ‘imitações’ da arquitetura insinuante e curva de Oscar Niemeyer” (Discurso 5 - Fonte: www.blogdobg.com.br)

“Não existe um único argumento que justifique a não demolição desse prédio, chamar ele de Copacabana Palace potiguar chega a ser uma piada de muito mal gosto, esse prédio não tem nenhum estilo arquitetônico ou importância histórica que justifique manter ele de pé, e venhamos e convenhamos, ninguém vai querer investir em um hotel na Praia dos Artistas, então a melhor solução é eliminar esse trambolho feio da orla de Natal.” (Discurso 6 - Fonte: www.tribunadonorte.com.br)

Já os que defendem a preservação da arquitetura do edifício apresentam o principal argumento do respeito ao patrimônio histórico e arquitetônico da cidade, símbolo do desenvolvimento do turismo do RN. Grande parte dos depoimentos é saudosista e relembra os tempos áureos do HIRM, frequentado por muitos artistas e autoridades:

“Em nossa cidade e em nosso estado, existe algo inexplicável de que qualquer prédio que teve grande significado em nossa história pode e deve ser demolido. Por que não seguimos o exemplo de outros países de primeiro mundo que preserva sua história? [...] Temos que entender que os casarios e prédios antigos de nossa cidade já foram quase todos demolidos, ou seja, já não temos muita coisa para mostrar aos turistas e principalmente aos nossos filhos e netos. É lamentável.” (Discurso 7 - Fonte: www.tribunadonorte.com.br)

Essas pessoas demonstram o apego ao lugar, facilitados pela identidade de lugar que se desenvolveu ao longo dos anos com a orla e o próprio edifício em si. Como consequência, apreciam a arquitetura moderna, dizem que o edifício é belo e falam do quanto foi luxuoso na época de sua construção:

“O Hotel Reis Magos foi concebido em linhas e traços modernos. Símbolo do turismo potiguar. O primeiro grande hotel da capital e o primeiro empreendimento turístico de alto padrão do estado. O luxo do hotel era inédito em praias do Nordeste. [...] Não à toa, dizia-se que Natal era um Rio de Janeiro pequeno, sempre vanguardista [...]” (Discurso 8 - Fonte: www.tribunadonorte.com.br)

Este grupo que é contra a demolição também revela em seus discursos a necessidade de reuso do edifício, ou seja, ninguém quer ver o edifício do modo em que se encontra. Defendem uma reabilitação contemporânea, agregada à paisagem da orla, não apenas da arquitetura do edifício e defendem, principalmente, a preservação da história e memória do HIRM, relacionando-a ao desenvolvimento econômico e turístico da região:

“O edifício pode e tem que ter sim uma destinação útil [...] É impossível construir ali nos dias de hoje algo com aquele gabarito. Então por que não aproveitar a estrutura que já tem e fazer um belo projeto de reuso e respeito pela arquitetura modernista? Por que a opção tem que ser sempre pela demolição? [...] O que mais queremos é que aquele lugar seja usado e reinserido na dinâmica urbana da cidade, mas não da forma proposta!” (Discurso 9 - Fonte: www.facebook.com)

Algumas notícias de jornal e falas de autoridades administrativas do município revelam a intenção de se modificar a regulamentação do controle de gabarito da região no Plano Diretor da cidade, sem data para revisão. O conhecimento disso por algumas pessoas reflete significativamente em seus discursos, quando apontam a condenação do edifício como uma

justificativa para se promover a mudança drástica da morfologia urbana do trecho em questão. Lembram ainda que na região já existem outros centros comerciais que não promoveram a revitalização esperada para a área e apontam a falta de visão dos empresários que não enxergam a reabilitação do edifício como um potencial atrativo econômico:

“O senhor dono do Hotel Reis Magos já deixou claro que quer mudar a lei municipal que impede a construção de edifício com mais de 4 andares naquela região, pois sua intenção é construir espigões ali poluindo o visual e impedindo a bela vista de toda orla a partir da ladeira do sol. [...]Se o empresário quer fazer reformas e melhorias em seu prédio, que faça seguindo as leis orgânicas do município.” (Discurso 10: www.blogdobg.com.br)

“Será que ninguém consegue ver o óbvio, que o dono do Hotel quer mudar a lei municipal que limita a altura dos prédios ali? Por que ele não reforma o hotel seguindo a lei municipal com limite de altura dos prédios naquela área? Será que ninguém observa que ele quer erguer um (2 ou 3, não sei) espigão tirando boa parte da bela vista que se tem da de toda orla a partir da ladeira do sol? Não, não e não! [...]” (Discurso 11: Fonte: www.blogdobg.com.br)

Como observado acima, alguns argumentos, apesar de opostos, levam a um mesmo querer: revitalizar a paisagem da orla da praia, sanar os problemas de vandalismo e violência, bem como o desejo de que, independente do que seja instalado no terreno, seja um bom negócio, que contribua para o desenvolvimento do turismo e da economia local. É possível confirmar, por meio dos depoimentos, que a questão central do problema é o reconhecimento ou não do edifício como patrimônio arquitetônico moderno e a viabilidade econômica ou não de sua recuperação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como apontam Higuchi e Kuhnen (2011, p. 253), “conhecer como as pessoas percebem, vivenciam e valoram o ambiente em que se acham inseridas ou que almejam é uma informação crucial para que os gestores de políticas públicas e de áreas afins possam planejar e atender as demandas sociais”. Neste sentido, vimos que o HIRM representa significativo valor como estruturador de transformações urbanas, ao ocupar áreas lindeiras à praia e favorecer o uso da orla. Além disso, a implantação do HIRM - como ícone do estilo moderno - marca um período de fundamental importância para o turismo do RN, simbolizando o progresso e desenvolvimento de então.

Na leitura dos discursos da população é possível identificar que, após 18 anos de abandono, a imagem do edifício é de decadência, violência e negligência (do proprietário e/ou gestores públicos). É importante enfatizar a riqueza desses relatos, uma vez que as redes sociais permitem aos usuários comuns proferirem suas opiniões de maneira aberta e espontânea, produzindo um espaço de debate propício às reflexões e, também, à difusão da informação.

Nos discursos, independente do posicionamento relativo à demolição, é explícito o desejo de mudança e a urgência em sanar uma situação que se arrasta há quase duas décadas. Chama atenção positivamente os muitos comentários que mencionam o desejo do proprietário de tentar burlar as legislações urbanísticas no tocante ao controle de gabarito na área, o que demonstra certo nível de esclarecimento da população quanto a essas questões e, além disso, que a população está atenta e consciente, se colocando como agente fiscalizador. Em contraponto, verifica-se em muitos comentários a desvalorização e o desconhecimento da arquitetura moderna enquanto patrimônio. Prevalece a ideia equivocada de que a produção arquitetônica edificada após o século XIX não é passível de preservação. Constatamos ainda

um desconhecimento da história contemporânea (na qual a implantação do HIRM se insere), tanto do ponto de vista político-econômico, como dos aspectos socioculturais.

Percebe-se claramente uma maior valorização do edifício entre aqueles que vivenciaram o espaço de perto, seja pelo uso - como moradores de áreas próximas ou vizinhas, visitantes e turistas que usufruíram do espaço em tempos áureos - ou por meio do estudo e do conhecimento, como profissionais e estudantes relacionados à arquitetura, cultura e história. Dessa forma, reforça-se a necessidade de se inserir estratégias de educação patrimonial na formação do indivíduo, para que este possa compreender melhor sua história, a história dos seus lugares de vida, aprendendo a valorizar estes aspectos e não apenas os interesses econômicos, já que, muitas vezes, estes podem ser aliados a propostas de reuso, conduzindo à conservação integrada do patrimônio arquitetônico.

REFERÊNCIAS

- BENTES SOBRINHA, M. D. P. *Produção Hoteleira: as ações do poder público e do setor privado na zona costeira do Rio Grande do Norte*. São Paulo: USP (Parte integrante das atividades desenvolvidas no Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), 2001.
- CAVALCANTE, S.; ELIAS, T. F. Apropriação. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs). *Temas básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CAVALCANTE, S; MACIEL, R. H. Métodos de Avaliação da Percepção Ambiental. In: PINHEIRO, J. Q.; GÜNTHER, H. (orgs). *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.
- DANTAS, G.; LIMA, L.; NASCIMENTO, J. C.; PEREIRA, M. V.; VELOSO, M.; VIEIRA, N. M.; TRIGUEIRO, E. *O Hotel Internacional Reis Magos e sua importância histórica, simbólica e arquitetônica*. Natal: DARQ/UFRN (Parecer Técnico), 2014.
- DARQ/UFRN; IAPHACC; IPHAN; IAB/RN; CAU/RN. *Modernismo, memória, tradição e desenvolvimento*. 2014. Apresentação em .ppt.
- HIGUCHI, M. I. G.; KUHNEN, A. Percepção ambiental. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs). *Temas básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LIBERALINO, C. C. *Hotel Internacional dos Reis Magos: imagens da modernidade no passado ressignificadas no presente*. Natal: UFRN (Trabalho Acadêmico), 2005.
- MOURÃO, A. R. T.; CAVALCANTE, S. Identidade de lugar. In: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs). *Temas básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- SEABRA DE MELO, A. C. *Yes, nós temos arquitetura moderna: reconstituição e análise da arquitetura residencial moderna em Natal nas décadas de 1950 e 1960*. 2004. Natal: PPGAU-UFRN (Dissertação de Mestrado), 2004.
- SOUZA, I. *O turismo no RN antes da Via Costeira*. Natal: Diário de Natal, Projeto Ler, fascículo 11, 1999.
- VELOSO, M.; BENTES SOBRINHA, D. *Do grande hotel aos palaces & resorts: os empreendimentos hoteleiros na transformação da estrutura e da paisagem urbanas em Natal/RN (1940-2000)*. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 7., 2002, Salvador. Cadernos de Resumos do VII SCHU, 2002. v. 1. p. 48-49.